



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

A CIDADE EM PERSPECTIVA: AS MUDANÇAS ESPACIAIS E URBANÍSTICAS NA CIDADE DE PICOS (PI) NO PERÍODO DE 1960- 1980

Marcos Vinícius Holanda Sousa*

Juliana Lopes Elias**

1

O presente trabalho intitulado *A CIDADE EM PERSPECTIVA: as mudanças espaciais e urbanísticas na cidade de Picos (PI) no período de 1960-1980* pretende abordar aspectos históricos e urbanísticos da cidade de Picos e, de mesmo modo, analisar as alterações ocorridas no município do interior do Piauí, mostrando o contexto histórico em que a cidade estava situada àquela época e quais os motivos que levaram à cidade ter um novo traçado urbano e seus habitantes à buscar outras atividades econômicas, e outros locais para fixar moradia. Outra questão a ser discutida é o crescimento desorganizado da cidade e a ocupação de territórios até então não significativos para habitação, caso dos morros que circundam o município.

O levantamento de dados foi realizado através de estudos para formulação de projeto de ingresso no Programa de Mestrado em História do Brasil na Universidade Federal do Piauí, no ano de 2011, onde verificou-se a importância de uma pesquisa voltada para essa temática, como forma de entender o processo histórico de urbanização

* Mestrando em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Ministro Petrônio Portela, orientando da professora Dr^a Juliana Lopes Elias.

** Doutora em História (UFPE). Professora do Programa de Mestrado em História do Brasil na UFPI.

da cidade, que há algum tempo já provocava questionamentos. O projeto inicial passa por reformulações e encontra-se na fase inicial de investigação.

Corroborando com Pesavento (2004, p. 79), são objetos de uma História Cultural Urbana as formas pelas quais a cidade foi pensada e classificada ao longo dos tempos [...], bem como a sua transformação desencadeia uma luta de representações entre o progresso e a tradição. A tradição e o progresso podem ser vistos hoje nas ruas de Picos, de maneira bem irregular, pois os imóveis nas ruas principais são super valorizados, acarretando na destruição de casarões tradicionais de décadas anteriores.

Cada sujeito histórico, que vive numa *urbe*, passa por uma experiência única. Cada sujeito tem uma cidade, experimenta e a conhece à seu modo. Dessa maneira, a cidade se torna um território múltiplo, que está em constante mudança, de articulações com as relações sociais.

Sobre essa multiplicidade, Rolnik (2004) aborda que

é como se existisse um imenso quebra-cabeças, feito de peças diferenciadas, onde cada qual conhece seu lugar e se sente estrangeiro nos demais. É a este movimento de separação das classes sociais e funções no espaço urbano que os estudiosos da cidade chamam de segregação espacial (p. 40-41).

2

Para analisar o processo de urbanização da cidade de Picos, entre as décadas de 1960-1980, precisamos nos debruçar na história da cidade, através de depoimentos de sujeitos que vivenciaram o período proposto para o estudo, buscando compreender a configuração que a cidade tinha à época. Na relação entre cidades e memória, Delgado (2004) mostra que

As cidades, como espaço de vivências coletivas, são paisagens privilegiadas de registros da memória. A pena dos escritores faz dessas paisagens personagens vivas de narrativas, que, na interseção com a História, expressam, de forma policromática, a vida das pessoas no cotidiano de suas ruas, praças, cafés, escolas, museus, residências, universidades, fábricas, repartições públicas, bares, cinemas. As cidades são cristais de múltiplas faces espaciais e temporais, cristais de variadas luzes, dentre elas as da memória, que, com sua temporalidade sempre em movimento, reencontra os lugares do ontem com os sentimentos do presente (p. 137-138).

A História Oral, também faz parte deste processo de investigação e segundo Freitas (2002), apresenta características e recupera informações não encontradas em

nenhuma outra documentação. Para Zamboni (2005), a história é a recuperação, representação e reconstrução incompleta do passado. O tempo da história é o das mudanças, das transformações, ao passo que o tempo da memória é o da permanência e da continuidade. Através de entrevistas temáticas, fotografias, jornais e relatórios municipais, podemos registrar a cidade de Picos na metade do século XX.

As fotografias ou imagens também constituem ferramentas que auxiliam nessa construção historiográfica picoense. Galvão (apud Ferrara, 1988, p. 77-78) destaca a importância das imagens na constituição da cidade:

A percepção da cidade através de fragmentos da sua imagem leva o usuário à surpresa que rompe o hábito do uso, à comparação entre fragmentos espaciais, entre a atual e a pregressa experiência urbana, o flagrante de pontos de contato e diferenças de espaços e experiências e à ênfase, ao realce de traços, dimensões, cores, texturas, fluxos, valorizados na combinação de um uso. Leva o homem a captar, confrontar e informar espaços idênticos, próximos ou divergentes. A comparação é o método fundamental em uma pesquisa de percepção ambiental (Ferrara, 1988, p.77-78)

Estudos sobre *Cidades e espaço urbano* como os de Barros (2007), Bresciani (1991), Carlos (2003), Corrêa (2000), Rolnik (2004) demonstram que as cidades estão sempre em mudança, buscando no seu interior a modernidade e o deslocamento urbano, de acordo com as especificidades de cada região.

Picos está situada no sertão nordestino, centro sul do Estado do Piauí, a 310 Km de distância da capital, Teresina, e tem hoje 74.580 habitantes¹. A população flutuante, que diariamente circula no município, chega a atingir cerca de 150.000 pessoas, isso devido à sua centralidade geográfica e pelo destaque que obteve como cidade pólo do território de desenvolvimento do Vale do Guaribas².

Cortada pelas BR's 316, 230, 407 e 020, a cidade hoje é destaque nacional pelo comércio e setor de serviços que desenvolve na região, importante pólo de saúde, maior centro exportador de mel do Brasil³ e tem o segundo maior PIB do estado ficando atrás

¹ IBGE, censo 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 14 jun. 2012.

² De acordo com estudo feito em 2007 pela Fundação CEPRO (PI), 39 municípios integram a região do Vale do Rio Guaribas.

³ Segundo a Associação Brasileira de Exportadores de Mel – ABEMEL.

apenas de Teresina. A macrorregião em que a cidade está inserida tem atualmente cerca de 300.000 habitantes. Essa trajetória pretende ser mostrada ao longo do texto.

As origens e povoamento da região foi feita pelo estabelecimento de fazendas de gado, assim como em todo o sertão nordestino. Segundo Albano (2011, p. 29), a primeira fazenda a ser estabelecida na região, em 1754, foi a Fazenda da Bocaina – onde hoje fica o município de mesmo nome (*vide* figura 1) -, logo após a passagem de missionários da Companhia de Jesus pelos sertões da Província de São José do Piauí, juntamente com a família do sertanista Borges Marinho.



Fig. 1 – Mapa do Estado do Piauí. Localização de Picos e Bocaina.
Fonte: Google Imagens. Adaptado por Marcos Vinícius Holanda Sousa (2012)

No ano de 1890, aos 12 de dezembro, Picos passou de vila à cidade, pela resolução nº 33 do Barão de Uruçuí, que à época governava o Piauí⁴. Antes, na década de 1870, começaram chegar à cidade os Italianos, fugidos da unificação dos reinos e estados da Península Itálica que contribuíram significativamente no desenvolvimento picoense no século XX. Hábeis agricultores e comerciantes, os italianos implantaram na cidade novas técnicas agrícolas e também expandiram o comércio na cidade - juntamente com os fazendeiros que já moravam a alguns anos na região - que era irregular e escasso, e conseqüentemente, surgiram as primeiras ruas da cidade. Segundo Albano

Em determinada época do ano, os fazendeiros e moradores das fazendas Curralinho, Bocaina, Sussuapara e Samambaia reuniam-se

⁴ ALBANO, 2011, p. 44.

com os cavalarianos⁵, na confluência do Riacho Moura com o rio Guaribas, no lugar “Retiro”, onde Miguel Borges Leal havia fincado os mourões de seus currais, no exato lugar onde hoje se situa a Rua Velha, na cidade de Picos. Com essa espécie de comércio, foram surgindo os primeiros ranchos, casas de taipa cobertas de palha de carnaúba, enfim, um arruado⁶ (2011, p. 30).

Albano (2011) em suas colocações sobre o início da urbanização picoense aponta que os primeiros núcleos urbanos formaram-se também ao redor das igrejas, caso da rua velha, a rua mais antiga de Picos, que fica ao lado da Igreja do Sagrado Coração de Jesus – antiga igreja de São José, que possui casas que ainda guardam o estilo arquitetônico de décadas passadas.

Na segunda metade do século XX, a zona urbana do município se situava à margem direita do rio Guaribas, mas com o crescimento populacional no município, esta faixa de ocupação cresceu em todas as direções e seu traçado urbano ganhou novas proporções, com criação de novos bairros.

Vimos também que a cidade era marcada pela convivência integrada entre zona urbana e zona rural, no que diz respeito à faixa úmida que se estendia entre o leito do rio Guaribas e os limites urbanos da cidade, que àquela época era o espaço de sociabilidade para a sociedade picoense (Duarte, 1995).

Ponto principal na economia picoense no início da segunda metade do século XX, o Guaribas constituía fonte de renda para inúmeras famílias, que utilizavam suas águas cristalinas para o carregamento de água para o abastecimento, lavado de roupas, lazer⁷ e para a agricultura. O bairro Ipueiras, zona leste da cidade, nas décadas de 1960 a 1980 situava a maioria das propriedades agrícolas da cidade, por ficar margeado pelo rio Guaribas que naquele tempo ainda tinha suas águas límpidas e cultiváveis.

O cultivo de alho mereceu destaque nesse contexto, pois, nesse período, foi um dos principais produtos de exportação do município. Em seguida, após o declínio na produção de alho, mereceu destaque na cidade a atividade econômica ligada à produção

⁵ Compradores de cavalos, na sua maioria vinda do Pernambuco.

⁶ Arruamento. Pequena povoação à beira de uma estrada.

⁷ O rio era utilizado pelos picoenses como ponto de lazer aos finais de semana e um local de práticas sociais. Mulheres e homens tinham os seus locais de banho, não podendo um adentrar em local que não o fosse permitido.

irrigada de algodão, época essa que o município recebeu sua primeira grande fábrica, a Indústria Coelho S/A (Piauí Têxtil LTDA)⁸, empresa que beneficiava o algodão plantado na cidade e adjacências, exportando os tecidos pré-fabricados para outras cidades.

As cheias do rio eram motivo de preocupação todos os anos, pois frequentemente casas ficavam debaixo d'água e famílias desabrigadas. Mas no ano de 1960, ocorreu um desastre no município, com a inundação de todo o centro urbano e adjacências, constituindo um momento de desespero para a população picoense, que nunca tinha visto aquilo acontecer na cidade.

Varão confirma o episódio acontecido em Picos, no ano de 1960:

Essa catástrofe iniciou no dia 09 de março de 1960 e perdurou até o final do mês [...]. Após quatro dias de tranquilidade, a chuva voltou a assombrar a população, aumentando o volume das águas do Guaribas, que arrastava e devorava as casas, deixando um cenário devastado (figura 2), pois muitas famílias ficavam desabrigadas e sem assistências. [...] As pessoas presenciavam suas casas e seus bens serem levados pelas correntezas, mas não podiam fazer nada. A reconstrução da cidade foi feita pelos próprios moradores (2007, p. 36).

6



Fig. 2 – Fotografia da rua São José, centro de Picos. Casas destruídas pelo rio Guaribas. (março de 1960) Fonte: Acervo Museu Ozildo Albano

⁸ Maior indústria que a cidade de Picos já recebeu. Foi instalada gradualmente no início da década de 1970. Com a decadência na produção de algodão, a indústria entrou em crise e hoje atua de forma precária.

Na imagem acima, podemos ver os principais locais de habitação e comércio, a região central da cidade de Picos, na década de 1960. Ao centro, a rua São José, e mais ao fundo podemos ver o encontro dela com as ruas Santo Antônio e São Francisco, que juntamente com a Av. Getúlio Vargas eram umas principais ruas do município, não esquecendo as ruas Coronel Francisco Santos e Coelho Rodrigues. A fotografia foi tirada da torre da Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios, que não foi atingida pelas águas do rio por ficar no alto de um pequeno morro no centro da cidade.

O senhor Dimas Lélis, sofreu com os transtornos da grande cheia de 1960 e sobre o episódio fala que

A cheia de 1960 foi maior porque essa BR [316] serviu de parede pra água que vinha da Ipueiras, daquele lado, e o rio Guaribas começou a passar e o rio se encontrou com o Riachão, q também botou muita água e quando eles se encontraram a destruição foi grande, a água não tinha pra onde passar e invadiu a cidade. Ali na Rua são José, Santo Antônio deu foi nado!⁹

Ao mostrar uma fotografia da cheia de 1960 na rua São José para o depoente, ele lembra do episódio e se emociona ao ver a casa onde ele morava:

Essa casa aqui era onde eu morava, eu assisti essa “coisa” daqui do cruzeiro da igreja, a água entrou pela janela e carregou um pote que tinha, que derrubou a porta da casa. As paredes do meio caíram todas, porque a casa era de tijolo cru [adobe], ficaram de pé apenas as forquilhas. Quando entrou foi de vez, a altura passou a janela. E o agravante foi que isso tudo aconteceu de noite, mais ou menos 21h30. Pra ir pra [o bairro] Malva, só de canoa¹⁰.

Sobre as formas de ajuda recebidas pelos moradores que perderam suas casas, Seu Dimas conta que a ajuda era pouca,

o governo municipal não tinha recursos e cada um foi reconstruindo sua própria residência. Seu Abraão perdeu mais de cem casas mais ou menos e ai foi morar no morro, botou um dinheiro lá e comprou o morro de Seu Dagoberto. Naquele tempo num se tinha idéia que aquele morro fosse daquele jeito ali, plano e daquele tamanho, como a gente ver hoje, o valor era pouco, só tinha ‘mato’¹¹.

⁹ LÉLIS, Dimas Leopoldo. *Entrevista concedida à Marcos Vinícius Holanda Sousa*. Picos, 2012.

¹⁰ Idem

¹¹ Ibidem. Sobre o assunto, ver DUARTE, 1995.

A chegada de uma Unidade do Exército Brasileiro - o 3º Batalhão de Engenharia de Construção – ajudou na formação de aglomerações na cidade, constituindo habitações próximas a esses locais e o surgimento de vilas como a COHAB, e o Bairro Unha-de-Gato, sede do batalhão.

Durante os anos 70, os moradores continuaram a ser assolados pelas cheias do rio, mas nada como o fato ocorrido na década anterior. Os moradores se distanciam um pouco da margem do rio, procurando os morros da cidade para morarem, as regiões mais altas, dando uma nova configuração espacial e urbanística à cidade.

Os governantes tomaram providências para que aquilo não voltasse a ocorrer na cidade de Picos. Nesse período, de 1970-1984, foi construída a 2ª passagem do rio Guaribas, que ajudou a diminuir o volume das águas que passam por dentro da cidade, e também a construção da Barragem no leito do rio, na cidade de Bocaina, a maior obra hídrica que o exército brasileiro havia feito até aquela data¹².

O açude Bocaina tem capacidade de armazenamento equivalente à 106hm³ de água, e foi elaborado sobre a responsabilidade do Departamento Nacional de Obras Contra a Seca – DNOCS, sendo construído pelo 3º Batalhão de Engenharia de Construção – 3º BECnst, com sede em Picos-PI.

Um estudo feito por Marcos Freitas (2002) mostrou que o reservatório visava a regularização da vazão para fins de uso hidroagrícola, irrigação do vale à jusante, abastecimento das populações e amortecimento de cheias. Esse era o propósito da construção do açude, que não foi totalmente concretizado pelas autoridades. Hoje, é utilizado para criação de peixes para exportação e lazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que mudanças espaciais e urbanísticas ocorridas na cidade estejam relacionadas às cheias, a mudança no curso do rio, a construção de rodovias federais e estaduais, às elevações geomorfológicas que ficam no entorno do centro urbano, com casas espalhas pelas encostas de morros, da barragem de Bocaina e a

¹² *Revista Militar do Exército*, 1985.

instalação de um Batalhão do Exército, ajudaram na configuração espacial e urbanística que a cidade possui hoje.

As cheias do rio obrigaram a população ribeirinha buscar pontos mais distantes do leito, e houve o início do povoamento do Bairro Aerolândia, que antes disso era apenas um morro no centro da cidade, tomado por árvores nativas da caatinga. Hoje, podemos ver o conjunto de casas que circundam o morro, que desde a década de 1960 vem sendo ocupado de forma desordenada.

Do ponto de vista acadêmico, essa pesquisa irá constituir, ao seu término, uma fonte de pesquisa para pessoas que se interessam pelo tema exposto, mostrando um trabalho realizado com a abordagem histórica, referenciando a memória, cotidiano e imaginário picoense no período de 1960-1980.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBANO, Maria da Conceição Silva. SILVA, Albano (orgs). *Picos nas Anotações de Ozildo Albano*. [s.e] Picos, 2011.

ARAÚJO, Cristina Cunha de. *Trilhas e estradas: a formação dos bairros Fátima e Jockey Clube (1960-1980)*. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2009. [Dissertação de Mestrado]

ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoíno de. Italianos em Picos-PI: Imagens e narrativas. In: *Gente de longe: Histórias e memórias*. Teresina: Halley, 2006, p. 361-395.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. “As sete portas da cidade”. In: *Espaço e Debate – Depoimentos*, nº 34, 1991.

BARROS, José D’Assunção. *Cidade e História*. Petrópolis: Vozes, 2007.

CALVINO, Ítalo. *As cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARLOS, Ana Fani A. *A cidade*. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 1. Artes de fazer. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CORRÊA, R.L. *O espaço Urbano*. 4 ed. Rio de Janeiro: Ática 2000.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo e identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. *Literatura, memória e cidades: interseções*. In: Revista de História Scripta. Belo Horizonte, 2004, v.7. n. 14. p. 137 – 145.

DUARTE, Renato. *Picos: os verdes anos cinquenta*. 2 ed. revista e ampliada. Recife. [s.e], 1995.

_____. *A reconstrução de uma cidade: Plano de desenvolvimento para Picos*. Teresina: Comp. Ed. do Estado do Piauí, 2002.

FONSECA, Graziani Gerbasi. *Os italianos de Picos: esboço para a história das relações entre o Golfo de Policastro e o sertão nordestino a partir do ano de 1870*. Teresina: EDUFPI, 2004.

FREITAS, M. A. S. Usos Múltiplos da Água na Bacia Hidrográfica do Rio Guaribas (Estado do Piauí). In: *VI Simpósio de Recursos Hídricos do Nordeste*, 2002, Maceió. Anais do VI Simpósio de Recursos Hídricos do Nordeste. Porto Alegre : Editora da ABRH, 2002.

FREITAS, Sônia Maria de. *História Oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo. Humanistas/ FFLCH/USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LÉLIS, Dimas. *Entrevista concedida ao pesquisador Marcos Vinícius Holanda Sousa*. Picos, 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

REVISTA FOCO. 111 anos. *Picos, nossa história*. (edição comemorativa) Picos, 2001.

RODRIGUES, Lídia Bruna Albuquerque. *Cidade sob as “águas de março”*: História e memória de Picos no período pós-enchentes (1960). Universidade Federal do Piauí, Picos, 2011. [Monografia]

SOUSA, Oscar de Barros. *Bocaina e Nossa Senhora da Conceição: influência colonial portuguesa e defesa do dogma da Mãe de Deus*. Teresina: Gráfica RIMA, 2005.

ZAMBONI, Ernesta. Tradição e Cultura Escolar. In: *História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral*, v.8, n.1, jan-jun. São Paulo: Associação Brasileira de História Oral, 2005, p. 82.